

E' preciso não esquecer os crimes democráticos

E' preciso não esquecer que um governo que se dizia democrático, procedendo duma maneira mais odiosa do que os governos da monarquia, deportou quarenta e seis indivíduos que nem sequer foram submetidos a julgamento!

E' preciso não esquecer que a polícia agrediu brutal e desumanamente alguns presos indefesos.

E' preciso não esquecer que a polícia, instigada pela reacção e pela imprensa das forças vivas, assassinou a pretexto de que fugiam, dois presos: Diamantino da Anunciação e Domingos Pereira.

Estas barbaridades, que são um insulto à civilização e ao brio de todos os homens livres, não podem passar em julgado.

Enquanto não regressarem os deportados e não se apurarem as responsabilidades de quem agrediu e mandou assassinar, o povo trabalhador não pode descansar. A sua indiferença seria uma cumplicidade repugnante com o crime!

A profissão do jornalista

O caso que ultimamente se tem debatido e que provocou os protestos dos profissionais do jornalismo é dos que merece uma demorada atenção e toda a solidariedade por parte mesmo dos trabalhadores de outras profissões. Em resumo é isto: existe um sindicato dos profissionais da imprensa que abrange todas as modalidades de profissional da imprensa, sindicato a que só não pertencem os patrões, empresários de jornais ou os que por antipatia pelo sindicalismo e pela C. G. T. ou por qualquer outro motivo não tenham querido sindicalizar-se. A esse sindicato foi conferida a atribuição de emitir a carteira de identidade de profissional de imprensa, que seria visada pelos presidentes de certas associações, que desde o início, sem nenhum reparo dos poderes públicos, se entendeu ser o respectivo sindicato e a Casa dos Jornalistas.

Porém agora surge o protesto duma associação de jornalistas, que abrange profissionais e não profissionais e que pelos seus estatutos não é uma associação de classe. Sucede que muitos dos seus membros não têm o direito a usar da carteira de identidade. Pois é esta associação que pretende passar a respectiva carteira, o que não é senão o primeiro passo para mais tarde reclamar para si o exclusivo de a passar e a dispensa da própria assinatura do presidente do sindicato. E houve um ministro que atendeu semelhante pretensão!

Entre um sindicato formado por profissionais essa associação literária e recreativa de *dilettanti* das letras o ministro atendeu esta. Havia abusos na distribuição das carteiras de identidade? O que havia a fazer era pôr as respectivas reclamações, indicar esses abusos, defender os direitos postergados. O que se não entende é que se entregue a uma associação de literatos que, em sua grande maioria, não têm o direito a possuir a carteira de identidade do profissional de imprensa a faculdade de emitir essa carteira.

Têm toda a razão os profissionais organizados de protestarem contra a intromissão dos não profissionais num assunto que não interessa senão a estes. Por outro lado, sabendo-se que a chamada associação dos jornalistas outra coisa não é senão uma tentativa de infiltração do patronato nas nossas organizações sindicais e que entre outros propósitos tem incontestavelmente o de dividir a classe, uma tal situação impunha uma decisiva reacção.

Havia criado um sindicato e a nova associação outro fim não tem que não seja o de albergar quem dela queira fazer parte para o que basta ter um dia publicado uma prosa num jornal e todos quantos, mesmo profissionais de imprensa, não queiram fazer parte do respectivo sindicato. Bastava isto para que nos fosse absolutamente antipática a constituição dessa associação que nem sequer se salva com o prestígio do nome do dr. Magalhães Lima que foi levado daquela aventura sem lhe ter visto todos os inconvenientes e os melindres que iria provocar entre os profissionais de imprensa e em certo modo em todo o sindicalismo profissional.

O novo governo

constituído apenas para fazer as eleições vai ser derrubado pelos parlamentares que receiam ficar sem emprego...

O actual governo presidido por António Maria da Silva, o fidalgo inimigo da classe operária tem a sua existência seriamente ameaçada. Os seus dias estão contados não faltando quem avenge a possibilidade de o parlamento o derrubar na próxima segunda-feira.

E' um governo que ao nascer, entrou logo na agonia. António Maria da Silva e os seus satélites não vão abaixo por uma questão de ideias, nem por uma outra qualquer questão susceptível de interessar à massa colectiva do país. Vai cair—por causa das eleições.

A verdade é esta: não há eleitorado em Portugal. Tirando Lisboa e Porto e uma ou outra terra do país onde vota um número insignificante de pessoas em relação à sua população eleitoral, o resto do país não vota. Obedece às indicações dos antigos caciques monárquicos, actualmente quasi todos filiados no partido democrático. Votam analfabetos, vota a nuvem de funcionários espalhada por todo o país. E o voto não é livre. E' a resultante dum suborno, é confissão duma dolorosa dependência e duma subserviência deplorável.

Da urna está decididamente afastada a grande multidão operária aderente à C. G. T. por meio dos seus organismos profissionais e locais, e a maioria da classe média que considera os políticos uns parlapiçes e a política uma montureira.

De modo que quem faz as eleições é o governo. E, como este governo é pertença de António Maria da Silva, é ele quem ganhará as eleições, ficando senhor da maioria do futuro parlamento. E daí a grande oposição que está empenhada em virá-lo de pernas para o ar. São os nacionalistas porque não querem ficar reduzidos a uma dúzia de deputados, são os independentes porque desaparecem sem deixar rastro, e ainda a fracção esquerdista do partido democrático que não quer ficar impiedosamente degolada com a perspectiva duma maioria composta quasi exclusivamente por "bonzós", designação porque são conhecidos os partidários da corrente conservadora.

São estas as razões miseráveis porque o governo vai a terra, foram estas miseráveis razões que levaram o sr. Silva a formar ministério.

O sr. Silva referiu-se à classe operária quando tomou posse, e proposadamente fez as mais confusas afirmações de modo a não se comprometer, nem ser desagradável a nenhuma corrente de opinião. Disse que tem a maior estima pelas classes operárias, mas que nunca consentirá que elas se afastem para o mau caminho. «O mau caminho» é aquele que elas trilharam reclamando o pão que lhes falta, a justiça que lhes negam e o protesto contra as injustiças que os governos, frequentíssimas vezes, cometem. Afirma por um lado que todas as ideias avançadas podem ser propagadas mas por outro declara que será perseguidor inexorável dos *meneurs*. Os *meneurs* são é claro os militantes e todos os operários conscientes.

E' uma declaração de guerra mal disfarçada. O ministro do Trabalho deste gabinete, Lago Cerqueira, é um homem riquíssimo, um capitalista. E' um indivíduo dotado duma mentalidade reacçãoária, absolutamente inimigo da classe operária, o que não é de estranhar tratando-se dum político e dum político estúpido e, ainda por cima, capitalista.

O ministro do Trabalho deste gabinete, Lago Cerqueira, é um homem riquíssimo, um capitalista. E' um indivíduo dotado duma mentalidade reacçãoária, absolutamente inimigo da classe operária, o que não é de estranhar tratando-se dum político e dum político estúpido e, ainda por cima, capitalista.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Os mutilados da guerra

há longos meses que reclamam do Parlamento o direito à existência

Os mutilados e inválidos da grande guerra, ontem mais uma vez, vieram a esta redacção para que os auxiliemos na cruzada em que desde há meses andam empenhados: conseguirem que seja cumprida a lei 1.777 que lhes minoraria o seu sofrimento. E mais uma vez os que trabalham nesta casa tiveram ocasião de verificar quanto sofre essa legião que nas terras da Flandres e nas áreas plagas africanas pelas balas e gases asfixiantes se converteram nuns farrapos de imerecido valor. As suas desgraçadas expressões são bem o testemunho das nossas afirmações.

E todavia o Parlamento parece não ouvir os seus queixumes há longos meses exteriorizados, há dezenas de semanas bem vinculados. Vezes sem conto, aqueles desgraçados têm subido as escadas do Parlamento, suplicando dos seus carrascos que os atendam, que lhes não neguem o direito à vida, já que das suas ambições resultou o sofrimento que os atormenta. E como lhe têm respondido os parlamentares? Apenas com promessas, que longe de resolverem o assunto, só servem para escarnecer da sua miséria, só servem para aumentar a sua revolta. E esta vai-se aplainando à medida que a doença lhes corrói o que de mais valioso a sua existência pode ambicionar: a saúde.

Hoje, amanhã devem voltar àquela casa reclamando que os matem dum vez, em lugar de lentamente os inutilizarem. Preferem ser formados em linha e vítimas da descarga certa de que andaram anos, meses consecutivos suplicando, esmolando um direito. Isto nos garantiram ontem, isto nos afirmaram há tempos.

—Preferíamos a morte rápida, à morte lenta e crueza. Na Flandres estávamos expostos à metralha e aos gases asfixiantes. «Estes poupam-nos. Mas os homens, aqueles que guiam os destinos do país, são mais desumanos, são mais brutais do que aqueles!»

Estes queixumes, exteriorizados com visível indignação dão bem a nota viva da dor dessas vítimas do capitalismo. E' o próprio Parlamento desacreditando-se, provocando o ódio dos que o serviam ingloriamente e que viram que a Pátria é a negação de todo o princípio de solidariedade mútua, a causa do desentendimento entre os povos.

Os seus irmãos alemães que nos campos da Flandres, sob a sugestão militar se arremessaram contra eles, não arremeteriam agora com a fúria com que os parlamentares agitam. Sim, porque não é só a metralha que mata. Também a indiferença daqueles cava fundo o seu infortúnio, torna mais viva a chaga do seu sofrimento. Mas não suponha o leitor que o Parlamento não aprovou já uma lei sobre o assunto. Aprovou sim. Resta apenas que aprove as emendas que o parlamentar Costa Júnior, que é relator, de dia para dia está para apresentar. E mesmo a razão dessas emendas vem bem o cuidado que aos parlamentares vem merecendo a sorte dos desgraçados mutilados e inválidos da hecatombe. Referimo-nos ao artigo 4.º da lei 1.777, de tal forma urdido que destrói toda a doutrina dos restantes números. Isto é, todas as garantias ali consignadas não podem ter execução enquanto, segundo o artigo 4.º, não se fizer a revisão dos processos. Convmem, porém, salientar que há processos que já foram revistos três e quatro vezes, e todavia os seus autores ainda aguardam que justiça lhes seja feita.

A um inválido, que ontem aqui esteve, no último grau de tuberculose basilar, ouvimos nós esta monstruosa coisa:

—Estou tuberculoso. A ser cumprida a lei pertencer-me-ia 675\$00, quantia embora diminuta mas que me permitiria um leve tratamento. Assim, apenas com 378\$00, só tenho possibilidades de alargar a minha doença a meus filhos.

A outros, não tuberculosos, mas vítimas de outras doenças igualmente graves, ouvimos os mesmos lamentos.

No Parlamento não se ouvem os seus gemidos porque a dor não passou ainda pelos parlamentares. Por isso, a sua sensibilidade está de tal forma embotada que não lhe permite apreenderem-se desta grande verdade: os mutilados, vítimas da guerra, são as eternas vítimas dos políticos portugueses. Já não são precisos os seus serviços, por isso podem ser lançados ao monturo como vulgares nulidades! Revolta tanta crueldade.

A comissão convida os inválidos e mutilados a comparecerem na próxima segunda-feira, às 14 horas, no Terreiro do Paço.

Conferência pacifista

LONDRES, 3.—Iniciá amanhã os seus trabalhos que se prolongam até segunda-feira, a conferência internacional pacifista, na qual estarão representadas 18 nações.

Notas & Comentários

Atitude deplorável!

A Tarde tem vindo há dois dias, atacando implacavelmente a Carteira de Identidade dos Jornalistas, o que se não é louvável, não pode ser motivo para censura, porque há mais nobreza na hostilidade que se afirma do que na inimizade que Jesuiticamente se dissimula. Agora o que é triste, profundamente triste, é o ataque todo desdém, todo lançado de alto, dum desprezo infinito e insultuoso pelos trabalhadores obscuros dos jornais a quem se dá em troca dum labor inglório um ordenado que chega a ser um atentado contra a vida. Sem esses obscuros trabalhadores, curtidors por todas as misérias, batidos por todos as inclemências que vão, tantas vezes, sob a chuva do inverno hostil e sob as balas mortíferas das revoluções, buscar as notícias, as preciosas notícias sem as quais nenhum jornal—nem mesmo a Tarde—teria conseguido impôr-se e manter-se. E, quando um desses trabalhadores obscuros tomba, mortalmente, dum avião, rompe-se em elogios, cuja sinceridade lembra por vezes o choramingar do carrasco sobre o corpo imóvel da sua vítima... E' lamentável que o insulto parta dum jornalista que sabe o que se deve aos «bons rapaziños», eternas vítimas de exploradores sem escrúpulos e tão ativos no seu sofrimento que nunca se consideraram dignos de causar despetos ou capazes de desdém iníquos.

O Burro do sr. Almeida

O sr. Germano Martins é uma daquelas figuras secundárias que Afonso Costa chamou para junto de si, à semelhança do que faziam os reis—para ter alucos, instrumentos passivos e cúmplices submissos para todas as obras. Nos meios políticos o sr. Germano Martins é designado por Burro do sr. Almeida. O alcaide é o dr. Afonso Costa.

Ultimamente, quando Afonso Costa recusou pela centésima vez formar ministério, o sr. Germano Martins foi nomeado ministro do Interior. Essa nomeação provocou logo este comentário:

O alcaide, como não quis vir, mandou o burro. O burro é o sr. Germano Martins —o que quer dizer que as eleições que vão sair daquele ministério do Interior devem ter por força as orelhas muito compridas.

Degenerescência

Anatole France foi indiscutivelmente o maior escritor da literatura francesa contemporânea. Não se consagrou a defender a igreja, nem o militarismo, nem a pátria, nem o capitalismo. Sua arte foi fundamentalmente anti-eclesiástica, anti-militarista, anti-patriótica e anti-capitalista. Contudo, acima dum panfleto flagrador de injustiças ele foi, nesta idade bárbara e egoísticamente feita, um protesto sorridente, irónico, feito num estilo de elegante simplicidade e de filosófica profundidade. Proclamou a verdade maravilhosa das grandes sensações e paixões humanas contra a decadente mentira das sociedades que produzem desgraçados, capitalistas, padres, debochados e guerreiros. Aos que espalhavam o sofrimento, o ódio e o culto da morte, ripostou-lhes que a alegria era superior a uma assembleia geral de exportadores de canhões, que o amor arrastava invencivelmente para o prazer inefável e para a ilusão acariciante e que superior ao mistério indelével da morte, havia o maior, o mais belo espectáculo da vida. Do ódio dos vermes, daí o desespero dos micróbios, daí a raiva impotente dum degenerado sem sexo e com viscosidade de família.

Jupiter demente

Referiu ontem um jornal ter recebido uma circular com um timbre em que se vêm dois anjos anafados e reconvencidos e com os seguintes dizeres: Núcleo Católico Telegrafo-Postal.

Diz a cômica circular que os carteiros católicos desta cidade pretendem moralizar os costumes e cristianizar a classe baptizando os pimpolhos simplesmente registados e trazer ao caminho do matrimónio a rebeldia simpática dos que se amam activa e orgulhosamente, sob o pavilhão do amor livre.

Ignoramos os meios porque os sete carteiros católicos conseguiram os seus esquissos objectivos, nem isso nos interessa visto não termos ingerência na direcção do manicómio. O que nos interessa é assinalar que a classe telegrafo-postal nada tem com a imbecilidade de 7 dementados, carolas e que de nenhum modo quer ser com eles confundida e vilipendiada.

Apiaz-nos registar esta declaração para demonstrar que felizmente o fanatismo religioso se encontra isolado nestas ridículas manifestações.

Seria de resto praticar uma injustiça, cobrindo toda uma classe com o opróbrio que 7 dementados prenderam, em alucinada hora, fazer recair sobre uma profissão tão útil e indispensável.

Esclarecendo uma atitude

O dr. sr. Fernandes de Castro escreve-nos confirmando e esclarecendo o nosso artigo de ontem

Causou viva impressão nos nossos leitores o resumo do interessante discurso do padre Fernandes Castro fez há dias na Boa Hora. Entretanto, como alguns pontos da nossa reportagem ficaram um pouco confusos, o dr. sr. Fernandes de Castro escreveu-nos a seguinte carta que publicamos na íntegra:

Sr. redactor:—No seu jornal de hoje, e a propósito do julgamento dos inculcados do assalto à ourivesaria Lory, refere-se v. a defesa que fiz, do operário A. Graumann. Há na local uma transparente benevolência para comigo, que muito me sensibiliza, e reconheço, agradeço.

Também algumas infidelidades de reprodução, que não estranho (pois o seu informador não podia tomar notas naquele tribunal às escuras), mas que não posso deixar de rectificar.

Pego-lhe, por isso, a publicação desta carta. Eu não podia ter dito que—Cristo, sendo filho de um homem, era Deus.—Disse sim:—Cristo, como quanto homem verdadeiro, era também verdadeiro Deus.

Isto pelo que respeita à doutrina: quanto à aplicação do caso a Graumann, não se podia concluir que ele devia forçosamente ceder à instigação; mas que tinha toda a desculpa, caindo nas condições em que caiu.

Também eu não defendi os dois operários: o menor Schmidt foi defendido, com brilho e competência, pelo meu querido colega dr. Costa Rodrigues.

Quanto à forma porque a polícia arranca a confissão de crimes há isto: a prova, que eu consegui, exuberante, foi a de que os seus confessaram sem nenhuma coacção: eu alegara a confissão espontânea...

Lastimável era a organização do processo: essa castiguel-a.

Ainda uma rectificação: a mulher de Graumann, uma vez desamparada, não tinha de necessariamente quebrar a linha de honestidade, que tem dignamente mantido: o que se avolumava era o perigo moral em que ficaria, se abandonada numa cidade como Lisboa.

A referência ao digno agente do Ministério Público: S. Ex.º focou muito a minha qualidade de padre (que muito preso) e deu por vezes com o seu latim, um sabor clássico à acusação, cheia de veemência e transporte: mas à igreja não fez s. ex.º qualquer «referência descabida». Está a verdade. E, como quanto cumprisse o seu dever de acusador, s. ex.º acabou, na sua réplica, por ser humano e bom para os acusados.

De uma forma geral está certo o tom em que se refere ao meu trabalho.

E que simpatizando com as reivindicações sociais, eu sou mais avançado do que os partidos avançados: tive ocasião de o dizer no tribunal, com vênio do distinto e brilhante causídico dr. sr. Ramada Curto, que tão gentil foi comigo, que obrigou para sempre o meu coração.

A bandeira que desfraldei, é tão ampla que nas suas dobras cabem todas as reivindicações morais e económicas: mas, cobrindo com ela um infeliz trabalhador estrangeiro, que confessava o primeiro delito da sua vida, e que nada tinha roubado porque não quis roubar, eu não precisava atear paixões, que não fossem as da piedade e generosidade do Tribunal: contei sempre com a sensibilidade dos senhores jurados.

Por isso defendi.

Defenderei, amanhã, novamente, se um juiz tão venerando como o dr. sr. Sena Sarmento me honrar com a defeza oficiosa de qualquer desgraçado.

Desculpe sr. Redactor, a extensão desta, mas indispensável era marcar a minha atitude, que podia ser mal interpretada, ao sabor de quem lesse o seu jornal e não me conhecesse bem.

E aceite os protestos de muita consideração, com que me subscrevo, etc. Companhia de trabalho.—Dr. Fernandes de Castro.

Choque de comboios

LONDRES, 3.—Duas locomotivas chocaram à saída do túnel de Glasgow, descarrilhando carruagens e fourgons. Vários viajantes ficaram com ferimentos de maior ou menor gravidade.

As eleições na Holanda

AMSTERDAM, 3.—O resultado final das eleições parlamentares, deu a maioria ao partido da direita, com 54 representantes. A esquerda da Câmara obteve 46 lugares, perdendo a direita 6, em relação com a anterior constituição da assembleia legislativa.

Problemas de momento

O que nos disse Dário Nóvoa sobre o cumprimento do horário de trabalho na classe dos empregados no comércio

A classe dos empregados no comércio foi uma das que mais beneficiou das regalias consignadas no regulamento à lei 5516, que estabelece em 8 horas a duração máxima do trabalho diário. Para que tal se realizasse a respectiva associação de há muito que vinha procurando transportar ao terreno das realizações a velha aspiração daqueles modestos trabalhadores.

Assim, quando o ano passado o ministro Lima Duque fez publicar uma portaria criando a Comissão de Compilação e Estudo à Legislação Social, que teria a representação de três operários, logo ela indicou como seu delegado Dário Nóvoa, que na materialização dos objectivos daquela classe tem dado o melhor da sua inteligência.

Conhecendo nós que a recente portaria sobre horário e referente às indústrias de laboração não continua, tendo dado ensejo a atropelos à lei e criado entraves ao seu cumprimento, quizemos ouvir aquele elemento do caixreiro por ele conhecer bem os meandros do assunto.

Encontrámo-lo no Café Itália, discutindo com fervor. Não desprezamos o ensino, e mal tínhamos feito o cumprimento surgiu, à queima roupa, a inevitável pergunta:

—Como tem sido respeitado o horário de trabalho?

Dário sorriu, olhou em redor e procurando concentrar-se no assunto principia: —Isso são contos largos que carecem de pormenores para se tornarem compreensíveis...

—E não são interessantes para a Batalha?

—Muitíssimo até, meu caro amigo. Devem interessar os seus leitores, especialmente.

No Itália vivia-se um ambiente fresco. Aquela hora, a algarviada que de noite o torna buliçoso estava imersa, mais se notando a discussão de dois aficionados tauromíquicos.

O nosso entrevistado, tirando da sua pasta alguns documentos, reconhece assim: —Assim que fomos para a Comissão de Compilação, eu e os meus colegas estudamos imediatamente a forma de modificar o regulamento 8244 de autoria do sr. Vasco Borges.

—Porque motivo?

—Porque dava margem a que a lei não fosse respeitada como convinha e devia ser.

—Como assim?

—Eu explico. O artigo 13.º da lei facultava ao governo a fixação da hora da entrada e saída do pessoal, quer pertencente à indústria, quer facção parte do comércio. Poderia para cada estabelecimento ser fixado a hora de entrada e saída do pessoal, nunca seria possível fazer respeitar a lei.

—E a Comissão de Compilação...

—...elaborou o projecto de regulamento que posteriormente foi referendado pelo governo e que ficou com o numero 10.782.

—Mas houve restrições, nos rurais e...

—Bem sei, que nem os rurais, nem os considerados domésticos foram beneficiados. Meu caro, a culpa não é do regulamento. Olhe está aqui no artigo 1.º da lei.

E o nosso interlocutor lê o seguinte:

«O período máximo do trabalho diário, quer seja diurno, nocturno ou misto dos trabalhadores e empregados do Estado, das corporações administrativas e do comércio e indústria, com excepção dos rurais e domésticos, do continente da República e ilhas adjacentes não poderá ultrapassar oito horas por dia, nem quarenta e oito horas por semana».

—Como vê, prossegue Dário Nóvoa, a comissão apenas se devia cingir à lei, e foi o que fez. Tem anomalias, defeitos e incongruências, mas não fomos nós os culpados. Quizemos agora colher as opiniões do nosso entrevistado, como militante do caixreiro. Arriscámos então estourar a pergunta:

—E o que se lhe oferece como militante da classe?

—Que a classe a que me honro de pertencer muito pode aproveitar da regalia da lei. Basta que saiba ser digna da sua personalidade.

—Tem havido alguns inconscientes?

—Como é natural: Os patrões, especialmente os de mercancia, não se conformam com a lei. Procuram, por isso, todos os sofismas.

—Os mais evidentes?

—Este. Reclamaram do ministro para lhes

A guerra de Marrocos

O que diz o governo francês
PARIS, 2.—Respondendo no Senado a uma interpelação do sr. Chéron (Isère) Marrocos, o sr. Painlevé declarou que as tropas francesas actualmente ali em campanha se elevam a 18.000 homens, e que contrariamente aos boatos tendenciosos que se tem feito espalhar as perdas, totais de oficiais e soldados, desde o começo das hostilidades, não vão além do número de 400.

O chefe do governo terminou dizendo que o governo não trepidará no emprego dos meios necessários para castigar aqueles que agrediram a soberania da França em Marrocos.

Depois será possível um entendimento para uma paz digna.

Quanto aos maneios dos comunistas, quer na França, quer no local da luta, eles serão sempre reprimidos com a maior severidade.

O que diz Abd-el-Krim

New York, 3.—Abd-el-Krim declarou ao correspondente do «New York Here Tribune», que se encontra no seu acampamento fazendo reportagem para aquele jornal não ser verdade que os marroquinos houvessem pedido o auxílio dos bolchevistas o que não quer dizer que estes não hajam por vezes, ainda que indirectamente, contribuído para os recentes êxitos das tropas rifenhas.

Sociedades de recreio

Academia Filarmónica Verdi.—Hoje, amanhã e depois realizam-se grandiosos e imponentes bailes no Parque Verdi, com o seguinte programa.

Hoje.—(A's 21 horas).—Deslumbrante baile que se prolongará até de madrugada.

Amanhã.—(A's 17 horas).—Baile de tarde dedicado às distintas damas frequentadoras desta colectividade.

A's 21 horas.—Retumbante baile com deslumbrantes surpresas, e uma valsa a prêmio na qual se disputarão dois valiosos brindes.

Segunda-feira.—(A's 21 horas).—Baile dedicado aos cavalheiros frequentadores, que vão ficar radiantes de alegria com o novo repertório com que nestes bailes se fará ouvir o Grupo Musical do Parque que abrihanta estas atraentes festas.

Consequência de um plágio

O presidente da Associação Académica de Coimbra demite-se

COIMBRA, 3.—T.—A Academia de Coimbra, reunida em assembleia magna, reconhecendo a evidência do plágio cometido pelo presidente da direcção da Associação Académica, Manuel Gomes de Almeida, no discurso numa sessão do congresso luso-espanhol em Coimbra, condenou energeticamente semelhante acto, embora reconhecendo os seus serviços à Associação Académica. Gomes de Almeida está demissionário.—C.

Tio de minh'alma

E' com esta alegre comédia que hoje o Nacional inaugura a sua época de verão, em que José Ricardo e Ilda Stichini têm brilhantes papeis.

FESTA DA FLOR

Por muitas terras da provincia se tem já organizado este ano a Festa da Flor em benefício da Cruz Vermelha, estando em organização a grande comissão de Lisboa que deve reunir num dos primeiros dias da próxima semana para imediatamente se efectuar em Lisboa com a valiosa cooperação da Escola Normal de Benfica com o Liceu Garrett, com inúmeros grupos organizados pelas Juntas de Freguesia, e com todos os elementos que nos anos anteriores têm organizado a Festa da Flor em benefício da benemerita Cruz Vermelha que tantos e tão relevantes serviços presta diariamente.

CASA PIA

Passou ontem o seu 145.º aniversário

Passou ontem o 145.º aniversário da fundação da Casa Pia de Lisboa, estabelecimento de educação e ensino que, foi criado pelo célebre intendente da policia, Diogo Inácio de Pina Manique, que o destinou, a principio para casa de correção de raparigas.

Com o decorrer dos tempos foi, porém, transformado em asilo para orfãos do sexo masculino e, da sua notável efficacia falam eloquentemente as gerações de educandos que de lá têm saído. Celebrando o dia de ontem, realizou-se na Casa Pia, ás 15 horas, uma sessão solene, a que assistiu o Chefe do Estado, seguida de exposição de trabalhos escolares e oficinas executados pelos alunos durante o último anno lectivo.

ser permitido conservarem as portas abertas até lhes apetece, dispensando os empregados ás horas regulares. O ministro accedeu, e os nossos homens, acto continuo, desrespeitaram a lei.

—E obrigam os empregados a ficar?

—Com todo o descaramento, especialmente os de mercaderia. Em algumas os empregados estão desde ás 5 da manhã á 1 hora do dia seguinte!

—E o que fazem as autoridades?

—Pouco ou nada. A nossa fiscalização é que consegue, a pesar-de de muitos inconvenientes, alguma coisa.

—Que inconvenientes?

—Os seguintes. Há dias na rua do Benfornoso, 256, o estabelecimento pertencente ao sr. Jacinto Pedro foi autoado por infracção. Por vinda despediu o seu empregado.

—Na rua de Campo de Ourique, 124, pertencente ao policia civico 1997, por um rapaz de 17 anos ter observado áquella que se achava a agredida e ainda por cima condenado na prisão de 130 dias, remidos a 600\$00 de multa.

—Como entendem que deve ser exercida a fiscalização?

—Pelas autoridades, uma vez que é uma lei. Nós não temos prazer em multar patrões, nem em fazermos participações. O que queremos é que esta regalia seja respeitada, e nada mais.

—E quando apertávamos a mão?

—E não se tem respeitado muito se athena a crise que tem vitimado alguns empregados no comércio, como áquella que, caldo com fome foi socorrido por gente do povo, como o vosso jornal referiu.

CARTA DO PORTO

A REAL COMPANHIA

para não descer da sua dignidade transigindo com o pessoal,

arranjou um militarão perseguidor

PORTO, 3.—O capitão Cerqueira, da guarda fiscal, agora é que está no seu elemento caserneiro. Conseguiu, depois do Francisco Pinto Moreira se pôr a mexer até ver no que o conflito dá, transformar a Companhia Vinícola num autêntico quartel, mais: num genuína praça forte.

Delirante na sua militarite aguda, ele supõe-se um Napoleão de folheta, dominando, fanfarronamente, a sua Waterloo da Real Companhia reaccionária. E como nas dependências desta concentrou guarda republicana a pé e a cavalo, tropa de linha, entre ela soldados da artilharia, o consta que vai encomendar um fenomenal penacho para, com as suas plumas esvoaçando á aragem, impôr melhor a sua rivista disciplina de ódio e de perseguição.

Agora, sim; agora está nas suas quintas á custa dos accionistas da Companhia. É que tem lá que ela gaste somas avultadas com a irritante mobilização de tropas que ocupam os armazéns, as ruas e os muros da Companhia em fogo? Há quem censure a atitude das autoridades «superiores do exercito, do chefe da divisão, em permitir que o exercito, isto é: os humildes soldados, vão desempenhar, não já o serviço dos homens, mas também o das mulheres, collocando-se ao lado de empresas particulares e monarquias, servindo os seus maneios de exploração descarada, de revindita calabrês...

E o público, principalmente feminino, comenta graciosamente: «qualquer dia até obrigam os pobres soldados a fazer outros serviços... das mulheres...»

Como, porém, esta república caiu na desvergonha, não cumprindo o programa antigo, e portanto, não se collocando neutra nos conflitos entre o capital e o trabalho—segue-se que hoje lá vimos, de manhã, uma força de artilheiros entrar pelo portão da Companhia, a fim de, debaixo de forma, ir trabalhar na secção de tanaria, segundo uns, na «secção» de beberagens, segundo outros...

O gerente militar da Companhia, tirou que ganha pela República por um serviço que não faz, e pela Real Vinícola ter o trabalho extenuante de perseguir, multar, suspender, maltratar os trabalhadores—está todo metido num sino. É precisamente áquella aspecto caserneiro que agora atezga; e é precisamente áquella submissão aviltante aguentada debaixo de forma, que é o e o Francisco Pinto Moreira pretende estabelecer para o pessoal civil. Das mulheres, querem fazer-las vivandeiros da sua honra prostituindo-as, dos homens querem fazer-lhos repugnantes capachos, limpando-lhes todas as suas insolências e grossarias.

A direcção da Companhia diz não atender o pessoal porque não quer descer da sua dignidade. Mas a direcção citada, onde está o conhecidoissimo jesuita Manuel Pestana, desce da sua dignidade em por termo, embora suasoramente, ás violências, ás perseguições, ás tratandas de gerentes rancorosos e perversos?

Não, ser digno, é pactuar-se com mans e solidários-se com toda a série de infâmias, de vexações, de patifarias cometidas contra áquelles que humildemente se arrastam penosamente a ganhar o pão de cada dia... Será digno uma pessoa defender uma criatura que pretende esquivar-se ao pagamento de um serviço prestado, como teima faz-lo o tal Francisco Pinto Moreira, que se farta a pagar a um carreiro uns determinados carros de pedra? Será digno uma pessoa immanar-se ostensivamente, quem quer coagir trabalhadores a trabalhar de graça até ao domingo, quando esse alguém auferir fortes estipêndios por andar de mãos sempre atrás das costas e a berrar como um possessão.

A Companhia, não a dos accionistas, mas a dos tubarões da direcção, do Monteiro e do capitão Cerqueira, da guarda-fiscal, prefere perder dezenas e dezenas de contos, o próprio fabrico de Champagne desta época, a ter de reconhecer a razão que assiste ao seu pessoal, que outra coisa não deseja senão o termo do regime de perseguições e explorações bárbaras...

E porque está naquella disposição idiota e provocadora de empregar todos os processos para que o antro vinícola fique dominado pelo tacto da bota do capitão Cerqueira e comparsa—ontem foi também dispensando os empregados dos escritórios, para que o terror seja mais completo.

Depois, se um individuo se alucina e faz asneira, «aqui del-rei» que é maroto...

Enfim, é interessante ver o capitão todo ufano com a sua gente da tropa. E mais ainda se julga um Napoleão de opereta, quando se recorda que até agora já lá vão cumprimentando-o officiais da sua policia fiscal... Há quem diga que o capitão, tão entusiasmado pelo aparato bélico em que transformou a Companhia Vinícola—só lá falta marinha, artilharia de campanha e hidro-aviadores—até dorme dentro... duma «pipa», supondo fazer frente á invasão dos «lock-outados». Isto, porém, não passará de «blague» popular...

Vamos ver se amanhã os efectivos militares da Companhia a andar... monetariamente, aumentam com soldados mineiros, para se desbaratar mais quantias dinheiramas nas obras das minas, quasi sem resultados práticos...

O pessoal, em numero de 422 vítimas, dirige uma nota officiosa aos accionistas, dizendo que sempre se tem mantido ordeiro e que, «tanto comparecido á hora do costume, lhe foi interrompido o trânsito pela guarda «pretoriana»... á ordem do capitão referido e do Francisco Pinto Moreira...

C. V. S.

A CAMARA E A GARRIS

O vereador sr. Alexandre Ferreira declarou ontem na sessão plenária da Câmara que se estivesse presente na ocasião em que na sessão anterior fora votado o projecto de contrato com a Companhia Carris de Ferro, te-lo-ia rejeitado.

AVENIDA

Dignas de serem admiradas as elegantiísimas e sumptuosas «toilettes» que Ester Leão apresenta na protagonista da APAIXONADA, em scena neste teatro.

Colhida por uma engrenagem

No pósto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensada e recolheu depois a casa, Delfina Ferreira, de 14 anos, rua Gil Vicente, 29, 3.ª, operária fabril que, numa fábrica na rua da Galé, foi colhida pela engrenagem de uma máquina ficando ferida na mão esquerda.

RENOVAÇÃO

Não havendo já na administração nenhum exemplar do 1.º numero da *Renovação*, convidamos os camaradas de Lisboa que o desejam adquirir a procurarem nas tabacarias, e aos nossos agentes da provincia pedimos o favor de nos remeterem com a brevidade possível as sobras a fim de podermos satisfazer os pedidos que nos cheguem.

O jornal *O Século* de ontem recebia, com as seguintes palavras que agradecemos, o 1.º numero da *Renovação*:

«*Renovação* é o titulo de uma revista que iniciou agora a sua publicação em Lisboa. Colaboram nela alguns nomes conhecidos na literatura e no jornalismo. Gente nova, com a ansia de melhorar a situação e o ideal generoso de trabalhar para uma sociedade nova e mais pacifica.

«É necessário restaurar tudo em beleza—firma no seu artigo de apresentação—«Desvendar todos os horizontes ao pensamento. Trazer a arte á comunidade de todos. Não fazer das ideias privilegio de uns poucos. A *Renovação* desejamos longa vida e prosperidade».

À *Diário da Tarde* agradecemos também a referência que fez ao aparecimento da *Renovação*.

Explosão duma bomba

que mata uma criança e fere um operário

Firmino Pereira Varanda, 7 anos, filho de Fernando José Varanda, 35 anos, de Sintra, marceneiro, e de Benvidinha Pereira dos Santos, residente na rua da Procição, 81, cave, juntamente com um seu irmão de nome Alfredo, de 1 ano de idade, começou de brincadeira com um objecto, dando em seguida uma violenta explosão e verificando-se que áquella objecto era uma bomba, cujos estilhaços foram atingir no corpo o pequeno Firmino e seu pai, que do trabalho, na officina de marcenaria de Luís Garcia Macedo, na travessa do Alcaide, havia ido a casa para jantar.

Ao estampido acudiram várias pessoas e a policia, sendo o pequeno conduzido ao posto da Misericórdia onde poucos momentos depois faleceu, dando o cadáver entrada na casa mortuaria da Cruz Vermelha transportado num auto da Cruz Vermelha ao hospital de São José, onde recolheu á sala de Observações por apresentar vários ferimentos por estilhaços, não sendo grave o seu estado.

Dois agentes da policia de investigação estiveram ouvindo o ferido, pouco depois de ter dado entrada naquele hospital.

Congresso Hispano-Português de Urologia

Pelas 9 horas da manhã de ontem, realizou-se no anfiteatro do hospital de São José a sessão operatória pelo dr. Artur Ravara, á qual assistiram, além dos médicos congressistas espanhóis, o director geral dos Hospitais Civis, dr. João Pais de Vasconcelos e vários médicos destes hospitais. O dr. Ravara, coadjuvado pelos Drs. Alberto Gomes, A. Lamas, Renato Araújo e Matos Pereira, e enfermeiros srs. José Gonçalves e Palmira das Dores Mantas, efectuou duas operações, sendo uma de ureto-plastia, no doente Lázaro de Sousa, de 18 anos, natural de Sintra e residente no Campo Grande, que se encontra internado na enfermaria de São Francisco e outro de prosto-uretrotomia no doente António Antunes Frade, de 69 anos, natural e residente em Loures, internado na enfermaria de Santo Onofre, as quais terminaram com óptimos resultados.

Em seguida os congressistas acompanhados por vários clínicos portugueses visitaram as diversas dependências do Banco, cujas instalações lhes mereceram os maiores elogios.

A 30\$000 finca com diamantes, rubis e safiras
A 40\$000 crujeiras, rubis e safiras
OUROS E DIAMANTES
OURIVESARIA E JOALHARIA
Manuel Rodrigues Junior
R. dos Vinheiros, 393—Esq. R. Silva Albuquerque

OS QUE MORREM

MANIFESTAÇÃO FÚNEBRE

Amanhã, pelas 13 horas, sairá do largo das Orlarias a manifestação fúnebre, que temos anunciado, para que já juncar de flores a campa do falecido vargente Júlio Camacho Rodrigues.

Entre as várias colectividades que se fazem representar conta-se a corporação dos sargentos de Sapadores e dos Tribunais Militares.

Tudo o operário tem o dever de possuir este livro

A EDUCAÇÃO MORAL DA CRIANÇA NA FAMÍLIA

Por Benoit Bonche—Tradução de Eulália Costa—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e outros devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças.—Preço 500\$ pelo cor. 5550. A vender nas livrarias «Pedidos á livraria Renascença, de J. Cardoso, r. Poais de S. Bento, 27-29—Lisboa»

Teatro Nacional

HOJE

INAUGURAÇÃO

DA

Época de Verão

com a comédia

em 3 actos de

António Pazo

Sancho Gerona

Trad. de

M. Correia

Telefone Norte 3049

Tio de minh'alma

Telefone Norte 3049

DESPORTOS

Casa Pia Atlético Club

Comemorando o 5.º aniversário da sua fundação, o Casa Pia Atlético Club promove hoje e amanhã grandiosos festejos, cujo programa é o seguinte:

Dia 4—Sábado ás 17 horas desafio de base ball no campo do restelo entre um team americano e outro do Casa Pia A. C. Entrada franca. A's 22 e meia concerto, baile e tómbola na sede do Casa Pia A. C.

Dia 5—Domingo: ás 13 horas—visita dos ex-alunos á Casa Pia de Lisboa, que assistirão ao jantar dos internados. A's 20 jantar oferecido pela Direcção do Casa Pia A. C. ao consócio António Gomes Marques, a que também se poderão associar quaisquer sócios do Casa Pia A. C. que se inscreverem no sábado ás 23 horas; ás 22 horas na sede do Club, baile, concerto, tómbola e outros divertimentos.

A Direcção previne todos os associados de que a sua entrada é feita mediante a apresentação do cartão de identidade e a colta de junho, podendo trazer-se acompanhador por qualquer numero de damas.

As pessoas estranhas ao Club entram mediante cartões de convite distribuídos no sede do Casa Pia A. C.

FUTEBOL

Amanhã, em Palmavá, Sporting-Benfica

E' finalmente amanhã que os dois populares clubes, o Sporting Club de Portugal e o Sport Lisboa e Benfica se encontram em Palmavá. Este desafio que é promovido pelo Comité Olímpico e faz parte do programa dos Jogos Nacionais está despertando, como é lógico, o mais vivo interesse. Há todo o empenho do grande público em ver jogar o Sporting, depois do cheque sofrido em Viana.

O Sporting vai, na verdade, amanhã, justificar-se e a prova a que se sujeita não podia ser mais dura.

O Benfica é o seu rival de sempre, o clube que na segunda volta do campeonato se mostrou em condições excelentes.

Antes d'este sensacional encontro, que é ás 18 horas, ás 16,30 jogam os «teams» infantis dos mesmos clubes, o Benfica e Sporting.

Torneio Internacional de luta

Entre os lutadores inscritos para o grande torneio internacional de luta que tem o seu inicio no próximo dia 18 no Coliseu dos Recreios, figura o colosso austriaco Hugo Petig, com 128 quilos de peso, que pela primeira vez vem a Portugal e que tem sido o assombro de todos os amadores estrangeiros de luta quer pela sua formidável corpulência, quer pela sua destreza e pela sua força muscular. Como já dissemos quasi todos os lutadores são detentores do titulo de campeão, o que dá ao torneio deste anno fôros de um acontecimento sensacional.

VIDA ANARQUISTA

Grupo Germinal.—Reúne amanhã, pelas 18 horas.

QUEDAS

No Banco do Hospital de São José, recebeu curativo e foi para casa, Joaquim José de 23 anos, natural e residente em Tomar, carpinteiro, que ao aprear-se de um carro eléctrico, no Rossio, caiu ferido no rosto.

No mesmo Banco também foi pensado e seguiu para casa, Joaquim Miranda, de 14 anos, canteiro, residente no largo da Estação em Alhandra que caiu no cais de Vila Franca de Xira, ficando com várias contusões pelo corpo e ferido na cabeça.

Recolheu á Sala de Observações, José Ferreira Branco de 32 anos, descarregador residente na travessa Nova de Domingos, 36, que caiu da uma carroça do largo de São Domingos, ficando ferido na cabeça.

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, foi pensado Cesar Augusto Casimiro, empregado de escritório, de 19 anos, residente na rua da Bica do Duarte Belo, 58, 2.º que caiu ao aprear-se de um carro eléctrico, na Junqueira, ficando ferido na perna esquerda.

Quando colhia um ninho...

A' Sala de Observações do Hospital de São José, recolheu Alberto Lopes David, de 16 anos, natural da Covilhã, aprendiz de serralheiro, residente no logar de Sincero, daquelle concelho e que quando ali tentava colher um ninho de sobre uma árvore, caiu, fracturando o braço esquerdo.

Carteira de Identidade

dos Profissionais da Imprensa

Uma conferência entre a direcção do S. P. I. L. e dois delegados da A. E. J. P.

O sr. dr. Magalhães Lima officiou á direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa comunicando-lhe que a direcção da Associação dos Escriitores e Jornalistas, de que é presidente, resolvera nomear dois delegados para, juntamente com outros dois da direcção do Sindicato, esclarecerem o decreto n.º 10.882. A direcção do Sindicato respondeu-lhe que considerava suficientemente esclarecido esse diploma, mas que teria muita honra em receber a visita dos dois delegados referidos, que eram os srs. dr. Magalhães Lima e Jorge de Abreu.

A visita destes senhores á direcção do Sindicato realizou-se ontem, ás 16,30, tendo de inicio o sr. dr. Magalhães Lima declarando á direcção do Sindicato que da sua boca nunca partiria qualquer recusa a um entendimento com a mesma, nem pronunciaria quaisquer palavras desprimorosas para os sócios da referida colectividade.

Seguidamente, o sr. dr. Magalhães Lima disse da sua estranheza, pelo facto da direcção do Sindicato alegar que a A. E. J. P. não tinha existência legal. A direcção do expoz-lhe os fundamentos dessa alegação, intervindo o sr. Jorge de Abreu para demonstrar que a A. E. J. P. tem estatutos aprovados pelo Governo Civil, como as demais associações de recreio, literárias, etc. A direcção de Sindicato accentou que as associações de classe dos jornalistas têm os seus estatutos aprovados, nos termos da lei, por alvará passado pelo Presidente da República e referendado pelo ministro do Trabalho, só se encontrando nessas condições a Casa dos Jornalistas e o Sindicato dos Profissionais.

Os srs. dr. Magalhães Lima e Jorge de Abreu, depois de espontaneamente reconhecerem que o decreto n.º 10.882 era inexistente, especialmente na parte que se referia á intervenção dos governadores civis na concessão das «Carteiras», indo o sr. dr. Magalhães Lima ao ponto de declarar desistir da revogação desse diploma, pediram á direcção do Sindicato que, como base de um logico entendimento, não persistisse em não reconhecer existência legal á A. E. J. P., de sorte que o presidente da assembléa geral dessa instituição pudesse assinar as Carteiras de Identidade de Profissionais da Imprensa.

A direcção do Sindicato declarou que isso não era da sua competência e que não tinha poderes para estabelecer qualquer accordo sobre esse ou outro ponto.

Como se aproximasse a hora em que a direcção do Sindicato, juntamente com a da Casa dos Jornalistas, deveria ser recebida pelo ministro do Interior, assim o communicou aos seus visitantes, convidando-os a acompanharem-na nessa diligência.

O ministro do interior recebeu as direcções da C. J. e da S. P. I. L. que lhe foram transmitir a moção aprovada na assembleia magna dos jornalistas

Acompanhados pelos srs. dr. Magalhães Lima e Jorge de Abreu, as direcções da Casa dos Jornalistas e do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, foram ontem recebidas pelo ministro do interior.

Por um dos secretários da comissão eleita na assembleia magna de jornalistas, realizada em 1.º do corrente, foi lida a representação, onde era transcrito o documento aprovado nessa assembleia, terminando por pedir a revogação do decreto n.º 10.882.

O ministro do Interior, depois de ouvir os esclarecimentos que verbalmente lhe foram dados pelos membros da comissão e o pedido que lhe formulou o sr. Jorge de Abreu, propoz que os comissionados elaborassem, de accordo com os representantes da A. E. J. P., um projecto de decreto que a todos satisfizesse e devidamente acaulesse as justas regalias dos profissionais da imprensa, projecto que ele, ministro, caso com elle se conformasse, submetteria á assinatura presidencial e que revogaria os anteriores relativos á Carteira de Identidade.

Os delegados da assembleia magna dos jornalistas declararam que o seu mandato não lhes permitia tomar tal compromisso, mas que numa nova reunião de jornalistas dariam conta do resultado da diligência junto do ministro do Interior.

O ministro do Interior insistiu e, declarando que fôra o dr. sr. Magalhães Lima quem provocara a publicação do decreto n.º 10.882, nos termos em que o fôra, como é, ministro, tivera occasião de presenciar, por se encontrar casualmente no gabinete do seu antecessor, pedia-lhe e a todos que entrassem num accordo que o habilitasse a resolver a contento de ambas as partes.

O dr. sr. Magalhães Lima, declarando que a redacção do decreto n.º 10.882 não lhe pertencia, mas sim ao sr. Alberto Bessa, manifestou o desejo de se encontrar uma solução conciliatória.

Os membros da comissão declararam que sem compromisso para o mandato de que foram incumbidos, não tinham divida em conversar com os srs. dr. Magalhães Lima e Jorge de Abreu lembrando, contudo, que o decreto n.º 10.882 se encontrava em vigor e que a base de quaisquer conversas seria a sua revogação.

O sr. Jorge de Abreu declarou então, em nome da Associação dos Escriitores e Jornalistas Portugueses, que não seria dado, por parte dessa colectividade, cumprimento ao referido diploma reconhecendo a sua inexistência, especialmente no que respeita aos jornalistas das provincias.

Reunião magna dos jornalistas de Lisboa

A convite das direcções da Casa dos Jornalistas e do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, volta a reunir-se hoje, pelas 17 horas, na Universidade de Livre, a assembleia magna dos jornalistas, a fim de tomar conhecimento da conferência realizada ontem com o sr. ministro do Interior.

Moto que tomba

Ante-ontem pela tarde seguiu pela Venda do Pinheiro, em direcção á Malveira, próximo de Mafra, uma moto guiada por Joaquim Gomes dos Santos, de 25 anos, comerciante e residente na calçada de Cariche, Olival Basto e que transportava na mesma moto, Alfredo Azevedo de 23 anos, natural do Porto, escriptorário do Jardim Zoológico, onde reside. O veiculo ao descrever uma curva, tombou, caindo os seus dois tripulantes que ficaram com vários ferimentos nos braços e na cabeça, dos quais foram pensados: ontem no Banco do Hospital de São José recolhendo depois a casa.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Teatro Avenida

«Apaixonada» de Porto Riche

Para se representar a «Amoreuse» de Porto Riche, cujo titulo, para jogar com a urdidura da peça, é intraduzível para português, é necessário, é indispensável uma subtileza de desempenho, um equilíbrio de dicção, principalmente, que é difficil de achar em qualquer meio teatral. Tudo o que seja o arrebatamento, a vozeria, o grito, é deturpar a peça, é «escandalisá-la». O sentimento amoroso, nesta obra, das mais curiosas do teatro de França, nunca poderá adquirir uma tensão tal de veemência que eleve do recesso íntimo da alma enamorada, a expressão doce do carinho, estridentissimo, superiorizando os sentidos ao arrobo muito íntimo do coração e dando á personagem a simples complexão moral da fêmea que se deixa mais vencer pela carne do que pelo affecto. Este papel feminino da protagonista é tão complicado, dum tão difficil estrutura, que por ele, ou antes acorreado a ele, fica a descoberto o papel masculino, que há que graduar no diapasão da actriz que o personifica. E com este papel o da terceira pessoa, o pintor, inalteravelmente ligado, pela proximidade e pelo sentimento áquella casual infeliz, em que a esposa bloqueia de caricias o marido

N.º 468

que deves trazer algemados a seus pés, como penhor da tua valentia, apanharemos na distancia de algumas léguas da habitação da tua dama os primeiros lapuzes que nos caírem debaixo de mão, amarrá-los hemos proibindo-lhes de pronunciar uma só palavra sob pena de serem enforcados, e elles representarão sufficientemente os ingleses cativos. Não achas a idea divertida? Conrado, Conrado, em que estás tu a pensar?

—Fiz talvez mal em usar do direito que me cabia sobre a mulher daquele vassallo, replicou o senhor de Noitel com ar taciturno e pensativo; foi um capricho libertino, porque eu amo Glorianda; mas a insistência do tratante que te accusava de roubo... irritou-me.

Em seguida, depois de um momento de silêncio, o senhor de Noitel, dirigiu-se ao amigo:

—Dize-me a verdade; aqui para nós, roubaste ou não roubaste aquele vilão? se o fizeste, a peça foi engraçada...

—Conrado, essa suspeita...

—Oh! não é pelo interesse daquele defunto labrego que eu te faço esta pergunta, mas para meu próprio interesse.

—Como então?

—Se aquele vassallo foi injustamente afogado, a profecia tornar-se ia talvez mais ameaçadora.

—Por Deus! dar-se há caso que perdesdes de todo o juizo, Conrado? Porventura estou eu triste e Jacques Bonhomme não me prognosticou que seria afogado?... Corpo de Deus! eu é quero afogar a tua tristesa num copo cheio de vinho velho da Borgonha. Vamos, Conrado, a cavallo... a cavallo! a ceia espera por nós; viva a alegria e o amor!

—Fiz talvez mal em violentar a mulher daquele servo, repetia consigo mesmo o senhor de Noitel, não sei porquê, occorre-me à idea uma tradição conservada pelo tronco primogenito da minha familia, que habita há séculos no Auvergne. Esta tradição diz que o odio dos servos foi muitas vezes fatal aos Nê-

roweg.

—Olá! Conrado, a cavalo; o teu criado segura no estribo há uma hora, exclamou a voz alegre de Gerardo. Maldito visionário), em que pensas tu?

—Não, eu não deveria ter violentado a mulher daquele vassallo, murmurou outra vez o senhor de Noitel montando a cavalo e tomando o caminho da sua habitação, acompanhado de Gerardo de Chaulmontel.

.....

A sala baixa da taberna de Alison a Ralhadora, está fechada; alumia-a uma alâmpada, a porta e os postigos estão aferrolhados pelo lado de dentro, vê-se Avelina que nunca mentiu, recostada num banco com as mãos cruzadas no seio e a cabeça encostada aos joelhos de Alison; julgar-se ia estar a dormir se de vez em quando um estremecimento convulsivo não lhe agitasse o corpo; o seu rosto descorado conserva os vestígios das lágrimas que, mais raras, se lhe soltam ainda das pálpebras entumecidas.

A taberneira contempla esta infeliz com uma expressão de profundo dó. Guilherme Caillet, assentado ali perto, com o cotovelo sobre o joelho, e o rosto encostado à mão, não arreda os olhos da filha; lembrou-se de Alison depois da confissão pública de Mazurek, e contando com o bondade dela, conduziu Avelina para a taberna, no que lhe prestou auxilio Adão o Diabo, o qual voltou em seguida para o logar do torneio, retirando-se a Mahié o Advogado, que mais tarde o arrancou do meio do combate.

Avelina, levantando-se de repente e desvirada, exclama entregue a uma espécie de delírio:

—Afogam-no...; estou a vê-lo... morrer afogado! Ouço o ruído do seu corpo caindo na água!

—Querida filha! disse Alison debruçando-se em lágrimas, sossegue... Tenha confiança em Deus... —Ela tem razão...; chegou a hora, disse Guilherme Caillet com voz ensurdecida, deviam ter afogado Mazurek no fim do dia: Conformemo-nos, não há noite sem dia imediato.

Alison, amparando Avelina nos braços, sente empurrar a porta e diz a Guilherme:

— Quem será a estas horas?

O velho aldeão levanta-se, aproxima-se da porta e diz para o lado de fora:

— Quem está aí?

— Eu, Mahiet, o Advogado, respondeu uma voz.

— Ah! murmurou o pai de Avelina, chegou...; tudo está terminado...

E abre a porta a Mahiet, o qual avança rapidamente; quere falar, ao aspecto da mulher de Mazurek, quasi desfalecida nos braços de Alison, contém-se, aproxima-se de Guilherme e diz-lhe ao ouvido:

— Está salvo!

— Ele! exclamou o servo estupefacto, salvo!

— Silêncio! replicou Mahiet apontando para Avelina, é necessário tôda a cautela, uma noticia destas pode ser-lhe sôbre modo fatal.

— Onde está êle?

— Acompanha-o Adão...; apenas se pode sustentar nas pernas..., precede-o alguns passos... Chove a cântaros; viemos por meio dos campos; tocou a recolher, e não encontrámos felizmente ninguém.

— Vou ao encontro dêle, disse Guilherme Caillet com voz palpitante. Pobre Mazurek! querido filho! querido rapaz!

E saiu precipitadamente.

Mahiet aproxima-se de Avelina que lançou os braços ao pescôço de Alison, e suspirando amargamente.

— Avelina, disse-lhe o Advogado, peço-lhe que me ouça.

— Está morto, murmurou a serva gemendo, e sem responder ao Advogado; afogaram-no.

— Não morreu, replicou Mahiet, temos esperanças de salvá-lo.

— Grande Deus! exclamou Alison chorando de alegria e abraçando Avelina com transporte, não ouves, querida filha, que diz que não está morto.

Avelina pôe as mãos, quer falar, mas as palavras expiram-lhe nos lábios.

—Eis o que succedeu, replicou o advogado; meteram Mazurek num sacco, deitaram-no á agua; mas felizmente, apressou-se a acrescentar Malhet, no momento em que Avelina soltava um grito abafado, Adão o Diabo e eu, aproveitando-nos ambos da escuridão da noite, tínhamos-nos escondido no canavial que, cem passos de distancia da ponte, orla o rio, a corrente seguia do lado onde estávamos; queríamos, com o auxilio dum croque puxar para nós o sacco onde tinham metido Mazurek e retira-lo a tempo.

—Ai de mim! balbuciou a joven mulher com angustia, já era tarde!

—Não, não, sossegue, conseguimos puxar o sacco para a margem, Adão rasgou-o com uma faca, e tirámos daquela mortalha Mazurek ainda com vida.

—Vive! exclamou Avelina louca de contentamento.

—E immediatamente se precipitou para a porta caindo nos braços de seu pai que, tendo entrado alguns momentos antes, permaneceu imóvel no limiar.

—Sim, vive, disse Guilherme Caillet a sua filha estreitando-a contra o peito, vive... e está aqui...

No mesmo instante appareceu Mazurek, pálido, desfigurado, escorrendo em agua e amparado por Adão o Diabo; de repente Avelina, em logar de correr para e recua recosa exclamando:

—Não é elle!

Já não reconhecia! Mazurek! com um olho de menos e as pálpebras circundadas de contusões azuladas, o nariz partido, o beijo rachado, tudo isto tinha de tal modo transtornado as suas feições, que a hesitação da mulher do vassallo durou alguns instantes; mas em breve tendo tornado a si daquela pungente surpresa, lançou-se ao pescoço de Mazurek e beijou-lhes as feridas com uma especie de frenesi. Ele correspondeu aos abraços de Avelina murmurando com voz magoada:



Situação insustentável

O refugiado político espanhol António Vicente Callero, dourador, que há dias foi preso na célebre leva do Sindicato Único do Mobiliário, ainda se encontra detido a pesar dos outros presos pelo mesmo delito terem já sido todos postos em liberdade.

Em parte alguma do mundo se varia de pena para o mesmo delito. Ora se se apurou que as 42 pessoas presas no referido Sindicato alguma tinham de sofrer semelhante vexame, porque motivo não foi posto Vicente Callero em liberdade?

Cremos que por ser espanhol. Ora, ser espanhol não é crime.

Callero tem levado uma vida de trabalho honesto, conforme exuberantemente o atesta o dono da casa onde trabalha. Sendo absolutamente correcto o seu porte, lógico seria que o tratassem também com toda a correcção e que o puzessem em liberdade visto que foi por engano que o prenderam.

Na polícia ainda há gente de bom senso que decerto não quer prolongar uma situação que se torna ridícula e vexatória para quem demora a sua resolução.

E' de esperar que Vicente Callero seja hoje mesmo posto em liberdade.

A sua situação de detido é insustentável.

Os protestos contra as deportações

A sessão de protesto contra as deportações, organizada pela Federação Comunal das Células de Lisboa, esteve muito concorrida. Usaram da palavra o dr. Sobral de Campos, António Peixe e Armando Martins que verberaram os actos do governo transaccão e condenaram as deportações iníquas.

Foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que as deportações sem julgamento são uma afronta aos mais rudimentares princípios de justiça;

Considerando que o governo da presidência de Vitorino Guimarães, deportando operários, violenta a própria Constituição Política da República;

Os assistentes à sessão de protesto promovida pela Federação das Células de Lisboa resolvem:

Aprovar o alvitre do camarada dr. Sobral de Campos sobre a constituição de um «comité» de agitação pró-regresso dos deportados, «comité» que será constituído por todas as correntes de opinião que estão em desacordo com as deportações sem julgamento.»

NA BÉLGICA

80.000 operários em greve

BRUXELAS, 3.—Declararam-se em greve 80.000 operários metalúrgicos desta cidade.

O ministro do trabalho recebeu já os representantes dos operários e dos patrões procurando obter a conclusão dum acordo entre as duas partes.

Passeio de confraternização

Vai realizar-se no dia 16 do próximo mês de Agosto um passeio de confraternização entre os operários de Lisboa, Linda-a-Pastora, Linda-a-Velha e Carnaxide, destinando-se o seu produto para o auxílio da Escola Central da S. U. C. C.

Acompanhará este passeio uma das melhores filarmónicas de Lisboa.

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Sindicato de Braga.—Segue ofício para Domingos Ferreira para o qual pedimos resposta urgente.

Sindicato de Faro.—Segue o expediente e ofício.

Delegação Federal do Norte.—Segue ofício aguardamos resposta.

A AGITAÇÃO NA CHINA

A Inglaterra acusa a Rússia

LONDRES, 3.—O sr. Chamberlain, respondendo a uma interpegação na Câmara dos Comuns, afirmou categoricamente que a Rússia dos soviets está instigando os tumultos na China.

Um governo nacional em Cantão

CANTÃO, 3.—O filho do falecido general Sun-Yat-Sen, presidindo a uma comissão de 16 membros, organizou um novo governo nacional chinês em Cantão. Todos os conselhos estrangeiros, com excepção do britânico e do francês, foram convidados a assistir às cerimónias da posse, convite que não aceitaram.

Congresso Internacional Ferroviário

LONDRES, 3.—Encerrou os seus trabalhos o Congresso Internacional de Caminhos de Ferro. Foi eleito uma comissão, de carácter permanente, para resolver quaisquer dúvidas resultantes da aplicação das medidas preconizadas pelo Congresso.

SERVICIO POSTAL AEREO

NEW-YORK, 3.—Inaugurou-se ontem o serviço postal aéreo entre New-York e Chicago, com um percurso de 1.000 quilómetros e 32 estações, possuindo farióis com uma potência de meio milhão de velas.

No primeiro voo, o vice-presidente general Dawes, enviou uma caixa com flores ao coronel John Coolidge, pai do presidente da República, que se encontra doente em Plymouth (Vermont).

O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

Relato circunstanciado das sessões celebradas em Amsterdão

Sexta sessão, em 26 de março

Os jovens camaradas tomam parte nas lutas dos adultos e, repetidas vezes, a juventude ocupa o primeiro posto quando se trata de demonstrar valor e vontade combativa.

A juventude deve instruir-se teórica e praticamente, até estar em situação de um dia ou outro suplantar os velhos. Mas a juventude deve saber limitar-se à sua missão e concentrar o seu domínio de trabalho na conquista da juventude proletária na sua educação e sua preparação para a luta.

O orador propõe em seguida uma resolução que recomenda à aprovação do congresso.

O camarada Betzer, das juventudes da Alemanha, faz uso da palavra. Examina a história do desenvolvimento da juventude anarquista sindicalista na Alemanha.

Na conferência das juventudes em Dusseldorf, em 1921, dominou uma grande confusão. Alguns elementos acabavam de se emancipar das ideais autoritárias e julgavam encontrar a salvação na desorganização e no individualismo. No decurso dos anos seguintes chegou-se a uma boa evolução, de tal modo que no congresso de Erfurt foram expulsos da juventude anarquista sindicalista os adversários da organização.

Na terceira conferência de Magdeburgo aprovou-se uma tese do camarada Albrecht sobre a atitude da juventude anarquista sindicalista com respeito à violência e sobre a organização sistemática da juventude sob a base do sindicalismo revolucionário e do comunismo libertário.

Houve uma discussão com Ernst Friedrich que desejava conquistar as juventudes e que convocou para Leipzig uma conferência internacional anti-militarista. Friedrich foi excluído definitivamente e na conferência de Hannover em dezembro de 1924, determinou-se que, a juventude anarquista sindicalista conservasse as suas opiniões a todo o custo e que tomasse parte activa nas lutas cotidianas do proletariado.

Durante a ocupação do Ruhr pelo militarismo francês e belga, os nossos jovens camaradas tiveram que sustentar uma árdua luta contra as fileiras nacionalistas reforçadas pelos partidos políticos. Os defensores do pacifismo foram postos à margem. Em Erfurt resolveu-se empregar todos os meios, incluindo a luta armada, para combater a violência do Estado.

Atualmente a juventude anarquista sindicalista da Alemanha possui 180 grupos locais com uns 2500 a 3000 membros. Publica-se um periódico quinzenal. Esse órgão defende a luta cotidiana revolucionária e goza de grande simpatia nas juventudes.

O orador deseja que a A. I. T. favoreça o agrupamento internacional das juventudes anarquistas e sindicalistas e propõe ao congresso que subvencione a organização das juventudes em Portugal para que estas tomem a iniciativa da preparação de um congresso internacional.

Rocker informa que também tem uma credencial da juventude anarquista sindicalista da Alemanha para este congresso, mas que nada tem a dizer ao que foi exposto pelo seu jovem camarada, mas quer lembrar que no passado existiram nas juventudes alemãs, elementos duvidosos que se dirigiram aos camaradas do estrangeiro procurando um apoio económico. E' necessário estar-se de prevenção contra esses elementos. Somente se deverá atender qualquer carta de uma organização juvenil reconhecida pela A. I. T. quando esteja munida do correspondente selo e assinatura.

Rousseau lamenta que a falta de tempo não permita entrar na discussão do problema da juventude.

Em 1915, fundou-se na Holanda uma organização de juventudes sindicalistas. O orador notou que na juventude há muitos sonhadores e a missão da nossa propaganda

CRISE DE TRABALHO

Bolsa de Trabalho da Construção Civil

Os delegados deste organismo procuraram, ontem, o dr. sr. Bonjardim, presidente da Junta Autónoma das Obras da Maternidade, a quem expuseram o resultado da entrevista com o ministro do Trabalho. O presidente da Junta replicou dizendo que ia realizar uma demarche para conseguir o levantamento da verba.

Os delegados avisaram-se ainda com as individualidades que superintendem na 10.ª repartição de contabilidade e contabilidade social do ministério do Trabalho onde lhes foi dito que já tinham concluído os trabalhos e que o assunto já estava na 1.ª secção do ministério das Finanças para dar o despacho a fim da 10.ª repartição fazer a entrega da verba à comissão autónoma.

Os delegados vão informar o dr. sr. Bonjardim do que se passa e vão também à respectiva repartição das finanças fazer com que seja rapidamente despatchada a autorização.

Os delegados procuraram também o director da Repartição de Hidráulica devido ao facto de ainda se não terem iniciado os trabalhos na barra do porto de Viana do Castelo, resultando assim o agravamento da crise de trabalho entre os operários da construção civil daquela cidade.

Foi também tratada a constituição na cidade da Horta da 6.ª circunscrição de Previdência Social, estando o assunto dependente da Inspeção de Previdência Social, junto da qual vai ser feita hoje uma demarche.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS NO PORTO

Amanhã, às 15 horas, o dr. Campos Lima dá as suas costumadas consultas jurídicas na sede da U. S. O. do Porto a todos os operários confederados.

deveria consistir em despertar nela os sentimentos de classe para que possa, no futuro, combater pela libertação dos trabalhadores.

O orador mostra alguns folhetos editados para a juventude, na Holanda, sob a forma da educação racionalista de Ferrer. A juventude deve ser interessada na luta e ser organizada nas fábricas. Em França, cre' ele, também há grupos de jovens libertários. Devia-se entrar em contacto com eles.

A resolução, apresentada pela U. S. I. e passada para a comissão de redacção e é aprovada em seguida. Eis o texto:

«A organização sindical da classe operária é renovada continuamente pela afluência da juventude. Em substituição dos que caem na luta, dos que se cansam ou envelhecem, aparece a juventude proletária que leva ao sindicato as suas frescas energias, a sua fé e o seu entusiasmo, constituindo assim a vanguarda, em todas as lutas da classe operária contra o capitalismo.

«A juventude Sindicalista representa, além disso, aquele núcleo em que o proletariado põe todas as suas esperanças futuras para a vitória da liberdade e da igualdade social, pois os jovens de hoje serão indubitavelmente os homens sobre os quais pesa a grande responsabilidade da luta final para a emancipação da economia socialista.

«Partindo de estas considerações, a A. I. T. e as organizações a ela aderentes devem tomar sobre si a missão de dedicar uma atenção especial aos jovens do movimento sindicalista, desenvolvendo neles sentimentos de generosidade e de abnegação, assim como um espírito de solidariedade e de sacrifício, despertar neles a inclinação para o trabalho útil, provocar o impulso para a compreensão da técnica da produção, assim como para o estudo dos problemas económicos, a fim de que no futuro possam servir-se da sua instrução técnica e económica e das suas capacidades em defesa da emancipação da própria classe.

«Para a obtenção desses fins propõe-se: a) a instalação de escolas especiais ou de cursos de estudo onde a juventude possa aperfeiçoar-se para conquistar particularmente todas as capacidades técnicas do seu ofício e conhecer os fundamentos da economia social.

b) a publicação de folhetos e livros onde se trate dum forma adequada a possibilidade de compreensão e às capacidades da juventude, dos problemas a estudar. Os jornais de combate e de polémica dirigem-se a todo o movimento operário e por conseguinte não são apropriados para esse fim.

c) uma propaganda educadora, que é o único meio de combater as tradições arraigadas da ideologia burguesa na qual assenta o prestígio moral da dominação e do Estado imperante.

d) agir energeticamente para desviar a juventude da mania desportiva, porque o desporto é hoje um instrumento nas mãos dos capitalistas para afastar a juventude da luta de classes e de um desenvolvimento espiritual mais elevado, fazendo dela um ser mecânico, não consciente, em vez de criar homens capazes de pensar e de agir.

e) estimular na juventude a ideia dum próxima participação no movimento operário, a fim de que cada qual trabalhe na obra comum de acordo com as suas capacidades e temperamento.

f) fundar um movimento de jovens nos países onde tal não exista dentro do nosso movimento.

g) fazer com que a juventude se associe para além das fronteiras dos Estados, por meio de conferências internacionais dedicadas a esses objectivos.

Finda a sessão. (Continua)

Os Empregados de Escritório perante a C. G. T.

A Direcção da Associação de Classe dos Empregados de Escritório, acaba de dirigir uma circular aos associados, pedindo-lhes para fazerem saber se estão concordes em continuarem aderentes à C. G. T. As razões em que se baseia a Direcção são de ordem financeira. E diz aos sócios que, havendo necessidade de capitalizar algum dinheiro para acudir a melhoramentos que se impõem, visto que a receita apenas chega para cobrir a despesa — já reduzida — só a suspensão da cota à C. G. T. — isto é a sua separação da mesma — pode permitir a reunião dos fundos necessários.

Os Empregados de Escritório que estão confederados desde Fevereiro de 1920 têm a liberdade — como qualquer outro organismo, é claro — de abandonar a C. G. T.; simplesmente, devem-no fazer com lealdade, embora encubram os fins porque fazem.

Estes reparos vêm a propósito de, na audiência circular-plebiscito, se dizer que a Associação paga, por mês, à C. G. T. 140\$00 de cotas e isto não é verdade. Em 1924 requisitaram cotas no valor de 84\$500, o que dá por mês 70\$42; pouco mais de metade da quantia que dizem pagar.

Este ano requisitaram até hoje, cotas no valor de 78\$000 o que corresponde a 11\$543 por mês, importância um pouco aquém da que para a Direcção diz, aos sócios, pagar a C. G. T.

Porém, estando os Empregados de Escritório aderentes à C. G. T. como dissemos, desde Fevereiro de 1920, estranhámos que só hoje eles sintam necessidade de se desconfederar para obter fundos, e todavia afirmam-se nos que as dificuldades de hoje são as de sempre.

O Comité Confederal.

UM GAIOLEIRO

Convida-se o sr. Luís de Matos a passar na próxima terça-feira pelas 21 meia horas, pela redacção de A Batalha a fim de esclarecer uma notícia publicada com o título que encima esta local.

A Câmara Municipal e as limpezas dos prédios

A vereação para defender os interesses dos proprietários onerou os cofres do Município, afirma-nos Alfredo Lopes

A decisão da Câmara Municipal, que anteontem nos fizemos eco, referente à pintura e limpeza das propriedades urbanas, causou justificada sensação nas classes da construção civil. Constando-nos que o respectivo sindicato fa' tratar o assunto, como ele merece, apressamo-nos a ouvir alguém daquele organismo que elucidasse os leitores de A Batalha. Esse alguém foi o camarada Alfredo Lopes, prestimoso militante da classe, que ontem encontramos no seu gabinete de trabalho dando despacho a vário expediente. Posto o nosso amigo ao corrente dos desejos que ali nos levaram a entrevista principiou pelas seguintes declarações:

— Ao fim de 6 meses vem a Câmara alegar que não pode atender à reclamação do sindicato, no respeitante à abolição da proposta 433 que altera a postura n.º 11 de 1 de Julho de 1921, referente à beneficiação das propriedades que se realizava de 6 em 6 anos, por esta referida proposta alterou para 8 anos, por esta pueril razão: «que a modificação da postura se deve manter até que as condições económicas do país justifiquem a sua anulação».

— Que justificação pode ter tal resolução?

— Por mais que cogite, não há forma de a encontrar. Não posso compreender a influência que possa ter nas condições económicas do país, as limpezas dos prédios, apenas na cidade de Lisboa. De resto a reclamação não contende com os edifícios do Estado, pois é apenas referente aos particulares.

— Como se compreende tal deliberação?

— Duma maneira a muito simples. A actual vereação é composta quasi por proprietários, que tendo de proceder às limpezas das suas propriedades, teriam, necessariamente, que admitir operários para esses trabalhos, os quais necessitariam de licenças.

— Além disso teriam que adquirir os materiais necessários para a execução das referidas limpezas.

— Neste caso, seriam as condições económicas dos proprietários que se agravariam...

— Exactamente. A alteração da proposta em nada colidiria com o tesouro público, pois, como já disse, referia-se apenas aos proprietários. Por aqui se verifica como os nossos edis respeitam e defendem os interesses dos munícipes.

— Mas a própria Câmara não é prejudicada?

— Qualquer pessoa compreende isso. A Câmara com a sua descaída medida deixa de meter nos seus cofres uma boa centena de contos, com a importância das licenças, por em 8 anos não se realizarem as limpezas que anteriormente se faziam de 6 em 6 anos.

— Não posso conceber que a Câmara, constantemente a lançar impostos sobre os munícipes, agora vá beneficiar os proprietários!

— Esquece-se ainda a Câmara, prossegue o nosso entrevistado, que as frentes dos prédios, por não serem convenientemente limpas, estão numa verdadeira vergonha, dando à cidade um aspecto desolador de capital não civilizada.

— A anulação da referida proposta atenuaria a crise?

— Duma maneira particular. Podiam empregar-se algumas centenas de pintores, que desde há muito lutam com a crise de trabalho. Mas os proprietários estão pobresinhos...

— E o que pensa fazer o vosso organismo sindical?

— O nosso interlocutor, num gesto decisivo afirma-nos:

— Pode a Câmara e todos os manteigueiros que dela fazem parte continuar mantendo a sua estúpida deliberação que o operariado da construção civil não largará o assunto de mão. Fartos de serem iludidos, os operários da indústria de que faço parte, lutarão por todas as formas contra a decisão camarária indo, se tanto for preciso, à praça pública, denunciar à população os trucs de que a vereação se aproveita para servir os interesses dos senhores que nos exploram.

«E nota, conclui Alfredo Lopes, que não estaremos nós nesta luta contra essa vereação de incompetentes...

AS GREVES

Condutores de Carroças

Reuniu ontem em assembleia geral o pessoal da casa Alfredo Rosário Faria para tomar conhecimento das demarches efectuadas pela comissão junto daquele proprietário. Depois da comissão relatar as disposições que um representante daquele proprietário manifestou, os operários resolveram não se aceitar o visto que não cumpria o regulamento do horário de trabalho.

Também a comissão se avistou com o proprietário José Martins & C.ª, para que este desse a sua opinião sobre o mesmo horário. Não deu qualquer decisão, o que motivou a paralisação dos condutores de carroças da mesma casa. Tanto mais que dando-lhes o referido proprietário o horário de 10 horas e pagando-lhe apenas o salário de 16\$000, o pagamento era menos do que sendo a single ou seja a 1\$40 por cada hora. Também se avistou a comissão com o filho do proprietário Tomás José Martins para tratar do mesmo assunto, o qual nada resolveu. Foi decidido que a partir de hoje os condutores desta firma não retomem o trabalho.

Os condutores que se encontram em greve reúnem hoje, pelas 15 horas.

HORARIO DE TRABALHO

Na Companhia dos Caminhos de Ferro

Segundo nos vieram referir, na secção de encaçados das oficinas gerais da C. P. em Alcântara, o inspector exige que as mulheres trabalhem 10 horas, pagas pelo preço ordinário, contra o que esteja a lei.

Associação dos Caixaeros de Lisboa

A convite da Associação dos Caixaeros de Lisboa, reuniram em conjunto as direcções das Associações dos Caixaeros de Lisboa, Empregados de Escritório, Empregados Bancários, Empregados de Farmácia, União dos Empregados no Comércio, Barbeiros, Cortadores e Junta Executiva da Federação dos Empregados no Comércio, resolvendo nomear uma comissão de defesa do actual horário de trabalho, fazendo para esse fim, a necessária propaganda e agitação nas classes que representam, no sentido de manter integral o actual regulamento, e se porventura algumas modificações tenha de sofrer, sejam de maiores reduções para as classes que representam.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Pintores da Construção Civil

Realizou-se no domingo transaccão a inauguração da nova bandeira da secção dos pintores do S. U. C. C., com uma sessão solene, na qual usaram da palavra Inácio Marques, da secção dos pintores; António Costa, da Federação do Livro e do Jornal; Carlos H. de Oliveira, dos Impressores Tipográficos; Jacinto Estrêla e Silva Campos, que produziram discursos de propaganda sindical. A sessão foi abrilhantada pelo grupo musical «O Cravo».

A' noite realizou-se uma recita abrilhantada pelo grupo «Os Bichinhos».

Joaquim da Silva

Uma homenagem do Sindicato Unico Metalúrgico

Realiza-se a 12 do corrente, promovida pelo S. U. Metalúrgico, uma homenagem ao velho e falecido militante operário Joaquim da Silva, que muitos serviços prestou à organização operária, especialmente à metalúrgica. Esta homenagem tem sido adiada devido aos últimos acontecimentos que impediram que mais cedo este tocante acto se realizasse.

Vão ser brevemente enviados convites aos organismos operários, para se fazerem representar na manifestação a um militante que deu exuberantes provas da sua exemplar dedicação pela causa dos trabalhadores.

INSTRUÇÃO

S. U. Metalúrgico

Continuam funcionando com toda a regularidade as aulas do Esperanto, que têm tido uma grande frequência.

E' escusado enaltecer a importância deste facto, dadas as grandes vantagens que resultam da divulgação da lingua internacional que permitirá o estreitamento de relações entre os trabalhadores de todo o mundo.

Continuam funcionando as aulas de instrução primária com resultados honrosos. A instrução é uma arma indispensável para a classe operária se emancipar dum tutela opressiva e infuqa.

SOLIDARIEDADE

Pró José Pires de Matos

E' já amanhã que, no Salão da Construção Civil se realiza o espectáculo a favor de José Pires de Matos, que como temos já dito, necessita sair com a máxima brevidade de Lisboa a fim de tratar uma perigosa doença.

O grupo dramático do «Ajuda Club» apresentará a tragédia, em 2 actos, «Almas doentes», sendo intérpretes as sr.ªs D. Laura Carvalho e Beatriz Silva, os actores sr. Luciano Marques e Silva Coelho, e os sr. Cristóvão Rodrigues e António Rodrigues. Seguir-se-ão um acto de variedades por todos os elementos do mesmo grupo e um concerto de guitarra pelo sr. Luciano Gonçalves Pinto, acompanhado pelo sr. violão sr. Joel Barradas e por outros escollidos excutantes, cantando o sr. Joel Barradas algumas canções brasileiras.

O espectáculo abre com números de ilusionismo pelo novel artista «Colombino» e fecha com fados por alguns dos melhores cultivadores.

Durante os intervalos um grupo de guitarristas e violas executarão números de concertos sob a direcção do sr. Luciano Gonçalves Pinto.

O espectáculo começará imprevisivelmente às 21 horas, a fim de terminar a tempo de todos poderem tomar o eléctrico para suas casas, e em vista de morarem em pontos afastados quasi todas as pessoas que gentilmente se prestaram a colaborar nesta recita.

Todos quantos desejem contribuir para o bom êxito deste espectáculo, podem adquirir bilhetes na casa dos confederados da C. C. S. U. C. C., calçada do Combro, 38-A, 2.º, e do S. U. Metalúrgico, travessa da Agua da Flor, 16, 1.º.

A favor do «Tanosi»

Conforme fôra anunciada, realizou-se no dia 2 do corrente a festa no Salão Cine-Pátia (ao Beato), a favor do jornal «Tanosi», que decorreu com grande animação e com grande assistência.

A comissão, notifica aos que compraram bilhetes para a rifa do barril, na primeira sessão, que o número foi 24, o qual já foi entregue.

A comissão agradece a todos os que colaboraram na referida festa.

Desejando a comissão administrativa da secção dos serventes fechar as contas da festa de confraternização por ela promovida, convidando-se todos os que ainda têm quaisquer quantias em seu poder a virem entregá-las o mais breve possível.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.—A comissão administrativa de «O Construtor» lembra mais uma vez a todos os sindicatos que ainda não responderam à circular enviada para a saída do «Construtor», que o façam o mais breve possível, pois é imprescindível a saída do mesmo durante este mês.

Lembra também a todos os sindicatos que queiram enviar original o façam até ao dia 18 do corrente.

Operários Municipais.—Reuniu a comissão administrativa com a comissão pró-se, dando conta das demarches realizadas.

Sindicato da Construção Civil.—Secção Sindical de Belém.—Em reunião da comissão administrativa tomou conhecimento dum ofício dimanado da administração do 4.º bairro, resolvendo prestar os esclarecimentos pedidos, e resolveu avisar todos os sindicatos que na próxima semana começam a ser cobradas as cotas de auxílio para a saída normal do órgão da indústria «O Construtor».

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Pessoal dos Hospitais.—Pelas 21 horas na sede, travessa de São Bernardino, 11, o pessoal hospitalar a fim de tratar da regulamentação do horário de trabalho, eleição dos corpos gerentes e outros assuntos de interesse colectivo.

Manipuladores de Pão.—Pelas 21 horas em assembleia geral.

Trabalhadores do Atafego do Porto de Lisboa.—Pelas 20 horas em assembleia geral para apreciar a atitude assumida pelos frageiros e a atitude tomada pelo presidente e pelo 2.º ecretário.

DIAS PRÓXIMOS:

Pescadores de Galeões.—Pede-se a todos os pescadores dos galeões, que compareçam, amanhã às 12 horas, na rua Paulo da Gama, 6, 1.º.

Manipuladores de Pão.—Na segunda feira pelas 12 horas as comissões administrativas e de melhoramentos com os cobradores para entrega de expediente.

Liga dos Vendedores de Jornais.—Reúne amanhã em assembleia magna, pelas 18 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: Orientação da Direcção; percentagem dos jornais semanais; hora fixa de saída de jornais; cartão de identidade.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação.—Reuniu o comité federal em 2 do corrente. Depois de apreciado o expediente foi resolvido enviar uma circular urgente aos Núcleos, resolvendo enviar uma nota official para ser publicada no Grito da Juventude. Apreciou também a melhor forma de fazer reunir o conselho confederal.

O comité volta a reunir hoje, pelas 21 horas, para apreciação de assuntos urgentes.